

ENSINO DE ANTROPOLOGIA NA GRADUAÇÃO: CIÊNCIAS SOCIAIS OU ANTROPOLOGIA?

Miriam Goldenberg
Universidade Federal do Rio de Janeiro/IFCS.

Muitos já escreveram sobre o ensino de graduação em Antropologia, muito antes e muito melhor do que eu o poderia fazer aqui hoje. Existem muitas reflexões sobre o tema, entre as quais destaco as excelentes contribuições de Peter Fry e Yvonne Maggie, meus amigos e colegas do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS-UFRJ.

O que eu poderia dizer ou pensar de original para contribuir para um debate que já existe há algumas décadas no Brasil?

Decidi então ouvir os alunos do IFCS. Preparei um questionário com perguntas abertas sobre o ensino e a carreira de Antropologia. Enviei o questionário, por e-mail, para 60 alunos dos meus cursos da graduação e da pós-graduação do IFCS-UFRJ. Recebi a resposta de 40 alunos. Fiquei impressionada (e assustada) com uma crítica presente em quase todos os que responderam aos questionários e resolvi preparar a minha fala a partir desta recorrência inesperada.

QUAL O PRINCIPAL PROBLEMA DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS?

Nas respostas dos alunos, como principal problema do curso, apareceu: OS PROFESSORES.

Cabe ressaltar que alguns alunos disseram que os professores de Antropologia são os melhores, mais presentes, dinâmicos e criativos em sala de aula. Mas, de maneira geral, as críticas foram dirigidas a professores de Antropologia, Sociologia e, especialmente, aos de Ciência Política.

“Professores cansados das ciências sociais, mas que teimam em dar aula, com olhos moribundos, enquanto a aposentadoria não chega”.

“Da Graduação, com certeza, é a pouca vontade de alguns professores em dar aula. Não é uma generalização, mas alguns professores realmente estão, não posso apontar as razões, perdendo o gosto de dar aula (se é que algumas vez tiveram)”.

“Muitos professores estão cansados e, acredito, sem a menor vontade de transmitirem o que aprenderam. Acho que isso é natural, mas seria interessante se surgisse um meio que fizesse com que os professores pudessem transmitir seus conhecimentos de uma maneira mais eficaz. Entendo que ficar 20 anos com as mesmas disciplinas deve ser complicado, mas a responsabilidade é muito grande e por isso acredito que há uma saída”.

“Descaso dos professores. Só se faz bem uma coisa quando se sente prazer ao executá-la. Se o professor não tem vontade de dar aula, tudo vai mal. A falta de regras (que deveriam ser ditadas pelos professores) faz com que o curso vire, por vezes, uma tremenda bagunça. Pode ser que outros alunos achem normal e até gostem dessa “informalidade”; mas pra mim, a rigidez é imprescindível em determinados momentos, senão vira “festa”. Horário de aula é para ser cumprido, prazo de entrega de trabalho e de nota, idem. A disciplina ajudaria o aluno a encarar o curso de forma mais séria”.

“Desrespeito e falta de seriedade por parte de alguns professores (atrasos e ausências sem aviso prévio, critérios arbitrários de avaliação, monólogos, esnobismo, distanciamento professor-aluno). Alguns professores ignoram completamente seus alunos. Parece que eles dão aulas para si mesmos”.

“Sem dúvida, a falta de tesão de dar aula de alguns professores. Fiz uma matéria em que o professor, grande estudioso do tema da disciplina, dizia todos os dias ao chegar em sala: ‘hoje acordei

sem a menor vontade de dar aula. Queria ter ficado na cama'. Falava isso de forma sincera e a turma ria. Mas era tremendamente desestimulante ouvir isso. A maioria absoluta dos professores não tem a menor vontade de ser didático, de se expressar da melhor maneira possível. A impressão que fica é que eles se sentem obrigados a estar ali. Eles gostam de fazer pesquisas de campo, de escrever seus livros, e dão aula apenas pela obrigação de dá-las, pois assim recebem para tocar seus projetos pra frente".

Em segundo lugar, como problema do curso, os alunos apontaram: AS AULAS.

"Aulas muito pobres na graduação. Muitos professores não têm competência para dar aula. Talvez não tenham sido ensinados ou não tenham talento para isso, talvez tenham talento apenas para a pesquisa. Na graduação excluiria professores que não sabem dar aula ou não gostam e faltam muito".

"Sempre senti falta de aulas mais dinâmicas, e menos formais. Apesar da fama do IFCS de ser libertário, acho que o nosso dia-a-dia de sala de aula ainda é muito certinho, muito formal, muito caretinha. Isso faz com que as aulas sejam às vezes muito chatas! Sei que temos uma parte teórica muito pesada e fundamental, mas acho que faltam atividades mais livres e mais criativas. Nesse sentido, a exibição de um filme, seguindo de debate e de um clima mais descontraído por conta de algumas cervejinhas, fez com que uma disciplina no mestrado fosse inesquecível, não só pelo conteúdo programático, mas pela forma descontraída que os professores adotaram em relação aos alunos".

Em terceiro lugar, como problema do curso, apareceu A ESTRUTURA DO IFCS.

"O principal problema do curso de graduação é a falta de professores e a estrutura do campus. Faltam telões, retroprojetores, além de salas disponíveis para aulas em que a

exibição de vídeos é necessária. O ideal seria ter esses recursos em cada sala, além de cadeiras, bebedouros e ventiladores melhores. A falta de verba para o curso engloba esses problemas. A pouquíssima quantidade de bolsas de iniciação científica para os graduandos é outro problema que me incomoda muito”.

“A burocracia para se inscrever em cursos, as AGF, notas erradas, a falta de material como TV, vídeo; xérox (lotada); a “ausência” da biblioteca; a falta de compromisso por parte de alguns alunos e professores, o que comprometia o andamento do curso”.

“No caso do IFCS, temos problemas básicos que influenciam no estado de ânimo diário dos alunos na faculdade: instalações precárias, elevadores quebrados, banheiros sujos, quase não há acesso à internet, impossibilidade de imprimir nossos trabalhos, funcionários aborrecidos, não temos um “bandejão”, desorganização, greves, bagunça, muita bagunça”.

“Na graduação, gostaria de ter tido um ambiente de estudo melhor. Salas de aulas precárias e biblioteca fechada por muito tempo, além das filas intermináveis da “xérox”, devido à insuficiência de máquinas, às vezes me desanimavam. A falta dessas condições, às vezes mínimas (durante um tempo algumas das salas em que estudei eram habitadas por “pragas”, como ratos e pulgas), faz com que se valorize menos, ou se leve menos a sério o que se faz”.

Em quarto lugar, como problema do curso, apareceu: AS AVALIAÇÕES.

“Tenho uma visão muito negativa com relação às avaliações. Sempre percebi dois problemas (i) as avaliações, em sua maioria, foram organizadas a partir de questões muito genéricas, que abriam precedente para que os alunos escrevessem um milhão de coisas. O problema é que estas questões abertas permitiam que nós deixássemos de apresentar o entendimento dos

conceitos e categorias que estruturavam a obra analisada. Tive apenas duas avaliações criteriosas neste sentido e só fui aprovado em uma delas por condescendência do professor. Este é o outro ponto. Os professores são, na minha opinião, muito condescendentes. É raro um aluno ficar reprovado no IFCS. É claro que um aluno que passa com média cinco está reprovado (não por direito, mas de fato). Porém, os estudantes dificilmente percebem a nota cinco desta forma e o IFCS acaba “formando” uma parcela de cientistas sociais com muito pouco conhecimento das ciências sociais. A reprovação deixa de acontecer durante as disciplinas, mas quando o aluno média cinco chega em um momento onde o conhecimento acumulado será avaliado [banca de mestrado, por exemplo], a reprovação acontece. A seleção “dos eleitos” é muito mais cruel do que qualquer reprovação disciplinar”.

“Na graduação, considero satisfatórias; um trabalho de fim de curso ou prova para fazer em casa são boas formas de avaliar alunos de ciências sociais. O maior problema é o critério de notas, que julgo um pouco ‘benevolente’; i.e., parece ser uma convenção institucional a idéia de que ninguém tira menos do que 6,0 numa disciplina, salvo as matérias de economia e alguns professores considerados mais ‘caxias’”.

“Na minha graduação, muitas vezes nem recebia o trabalho; quando o recebia, não havia comentários, apenas as notas. Isto me deixava sem ‘troca’, sem saber onde eu poderia melhorar, onde eu apliquei um autor de forma errada, uma teoria errada”.

“Acho que os professores pegam muito leve com a gente. Deveria haver uma cobrança maior na qualidade dos trabalhos, aliado a uma orientação maior. Acho que deveríamos ter retorno dos nossos trabalhos e provas, para que o aprendizado se desse de forma mais completa. Às vezes, parece que a prova é só um instrumento de que se lança mão para chegar a uma nota final”.

Perguntados sobre se a graduação deveria ser em CIÊNCIAS SOCIAIS OU ANTROPOLOGIA, todos os alunos

responderam que acham melhor a graduação em ciências sociais, devendo a formação mais específica em Antropologia ser realizada na pós-graduação.

“A especialização em antropologia deve ser feita na pós-graduação porque o estudante já está certo do que quer seguir, está mais maduro. Muitas vezes acontece de achar que quer uma coisa na graduação e se decepcionar. Nesse sentido, o curso em ciências sociais é mais proveitoso, pois abre as portas para caminhos diferentes a serem seguidos na pós”.

“Não, não deveria haver graduação de antropologia separada. Tão-pouco gosto da definição de antropólogo, sociólogo e cientista político, mesmo tendo realizado pós em uma dessas áreas. A minha formação foi de cientista social; teoricamente, desenvolvi habilidades para atuar nessas três áreas. Essa separação que os professores fazem é o que mais me incomodou na graduação. Já ouvi professor indagando o motivo de querer sociologia se eu tinha optado por muitas matérias de ciência política, ou o inverso, ou com antropologia. O que interessa? – fiz graduação de ciências sociais e não de antropologia, ciência política ou sociologia. Então, qual motivo de induzir essa separação já na graduação? Especialização das ciências sociais? É um debate que gostaria de ouvir. Precisamos debater mais o curso dentro do curso. Contudo, gostaria de destacar que acho prejudicial para as ciências sociais essa separação. Procuro construir minha identidade acadêmica em Ciências Sociais. Com isso desenvolvo mais habilidades; isso me permite uma formação mais completa e com mais possibilidades. São muitos os temas pelos quais nos interessamos em estudar e não vejo todos sendo respondidos pela antropologia”.

“Acho legal que a graduação seja em Ciências Sociais, pois assim temos uma possibilidade de ter uma formação mais ampla. Gosto dessa especialização só na pós, pois assim temos tempo para avaliar realmente qual caminho devemos seguir. A possibilidade de transitar entre a Sociologia e a Antropologia, para mim, é uma das coisas mais interessantes das Ciências

Sociais contemporâneas”.

“Acho que a escolha por antropologia deve ser feita na pós-graduação. Quando as pessoas entram na graduação, não têm muita certeza da diferença entre antropologia e sociologia ou sociologia e ciência política. Acho que mesmo agora ainda considero esse limite muito tênue. Para a minha formação, foi muito importante fazer as matérias de sociologia também. Acho que a especialização em antropologia logo de início acabaria delimitando muito o campo de leitura e enfraqueceria a formação do aluno”.

“Vejo na interdisciplinaridade um ponto mais do que positivo, de modo que antropologia como curso seria, na minha opinião, um enfraquecimento e não o contrário”.

“Autores identificados como sociólogos e mesmo cientistas políticos (para não falar de historiadores e filósofos) são fundamentais na nossa formação. A antropologia é muito nova e, acredito eu, fraca para ser uma área totalmente autônoma”.

O ponto que acho importante discutir aqui, a partir destas respostas, é que, para os futuros antropólogos, o principal problema do curso de Ciências Sociais não está no seu currículo ou na falta de especialização, mas no professor e no seu investimento na sala de aula.

Pode-se argumentar que os professores da graduação são também da pós-graduação e existe um grande investimento para que o programa seja bem avaliado pela CAPES. Isso exige publicação em revistas qualis A, publicação de livros, participação em eventos nacionais e internacionais, a realização de pós-doutorados no exterior, orientação de alunos, participação em inúmeras reuniões e comissões. O tempo do professor em sala de aula e a qualidade da sua aula conta muito pouco, se é que conta, nesta avaliação.

A competição no campo acadêmico exige inúmeras atividades, que obrigam o professor, mesmo aquele que gosta de dar aulas, a dedicar um enorme tempo para concretizá-las.

Não é um desejo individual, mas uma obrigação dentro de um coletivo que precisa de sua alta produtividade em um nível de excelência.

Tanto faz, em termos da avaliação do programa, se o professor dá aula para 3 alunos ou para 102. Tanto faz se repete o mesmo curso todos os semestres ou se busca atender às demandas dos alunos e de sua formação. Tanto faz se prepara as aulas e está sempre presente, ou falta para participar de uma banca de defesa, um seminário ou evento científico. Ao contrário, o seminário, a banca e o evento contarão pontos no seu currículo LATTES. As aulas, boas ou ruins, não são computadas no currículo.

Acho importante então pensar, ao falar do ensino de Antropologia e Ciências Sociais, nesta desvalorização do espaço da sala de aula, do ensino e da relação com os alunos. O que deveria ser o espaço privilegiado do professor se tornou algo que atrapalha a sua pontuação como pesquisador. A sala de aula deixou de ser um espaço de prestígio, de prazer e de troca, e o professor dirige, assim, o seu investimento profissional para as atividades que lhe dão reconhecimento e poder e, também, bolsas, recursos e convites. A carreira passa a ser orientada para as regras de reconhecimento, poder e prestígio dentro do campo que, atualmente, se encontram fora das salas de aula.

Por outro lado, no recente concurso para o nosso departamento, tivemos 11 excelentes candidatos para uma única vaga, o que mostra que ingressar na Universidade, e ser um professor, ainda é uma carreira extremamente desejada e disputada no campo.

Anthony Giddens, ao contar porque nunca pensou em abandonar a vida acadêmica apesar de seus problemas, disse:

Apesar de minhas dificuldades em Cambridge, sempre me senti satisfeito na vida acadêmica estando em contato regular com os estudantes. Perguntaram ao célebre teórico social francês Michel Foucault, pouco antes de sua morte, como ele definiria a si mesmo, e ele respondeu simplesmente: 'como um professor'. Também é assim que me vejo. Lecionar, especialmente para um público estudantil tão diverso, tem sido um dos grandes prazeres de minha vida.

Gostaria de discutir com vocês por que este prazer parece estar desaparecendo em nossa vida acadêmica, como revelam os nossos alunos. Nós, extremamente pressionados e preocupados com as avaliações da CAPES e do CNPq, estamos deixando em segundo plano o ofício de professor. Como antropólogos, deveríamos saber interpretar a mensagem clara e dura dos alunos e buscar os caminhos institucionais, além daqueles individuais, para reverter esta situação de desvalorização do ensino, encontrando meios para que a sala de aula volte a ser um espaço de reconhecimento, investimento, e, principalmente, de prazer.